

vento

Material sobre a época dos Ventos - Educação Infantil EWRS

*“Era uma vez, uma menina que alegremente
carregava sua lanterna pelas ruas. De
repente, chegou o vento e com grande ímpeto,
apagou sua luz.”*

Ué! Ouvi dizer que estamos na época do Vento, essa não é a história da Menina da Lanterna?

Sim! Tem razão, estamos na época do Vento! Mas, podemos começar a partir dessa história, afinal ela ainda está fresquinha, fresquinha, assim como o vento que está a chegar.

No mês de agosto, a Educação Infantil trabalha com a imagem do vento. É o vento que soprará em nossos ouvidos, as canções que iremos cantar, os versos que iremos falar, os brinquedos que iremos brincar e qualquer segredo que ele queira nos contar.

O vento de agosto é o grande mestre que nos guia durante a época. Sabemos que as crianças estão intimamente ligadas às estações do ano. Sua alma pulsa com a tonalidade de cada estação.

É comum vermos crianças rodopiando como o vento por aí, aquilo que já era leve, se torna ainda mais leve, e pouco falta para voarem feito pipas pelo ar.

A época dos ventos nos traz agitação, astralidade, movimento e um certo ruído.

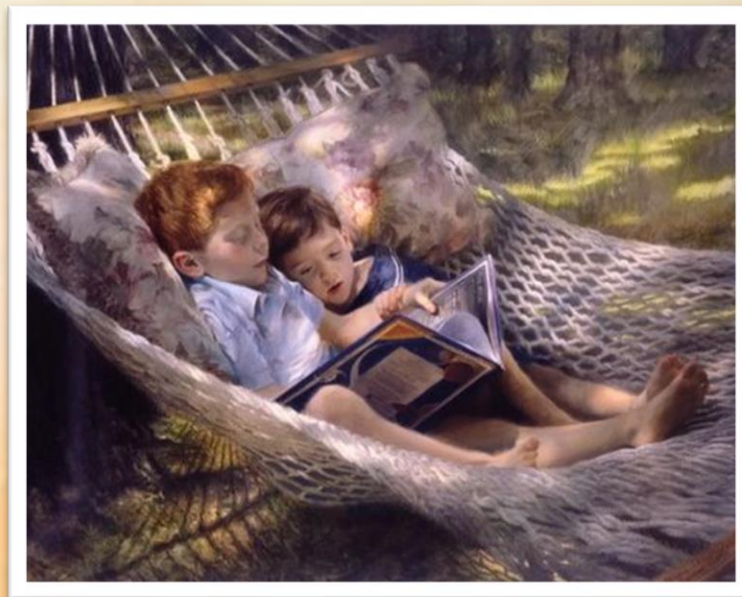


*Desta forma, entendemos que é formador
que a criança possa vivenciar na alma,
nas relações e no corpo todas estas
características, e entendemos também que
é nossa tarefa ajudá-la a expandir como
o vento e depois contrair novamente. Isso
é saudável e fará fluir entre o fora e o
dentro, o grande e o pequeno, o sonoro e o
silencioso, e assim por diante.*

E o vento? O vento é o ar em movimento!

O movimento do ar intensifica a percepção dessas polaridades que, na verdade, podemos aprender como um ritmo. O ar que expande e depois contrai.

Onde está o ar do ser humano que se movimenta como o vento? Está em nossa respiração!



*“Duas graças há no respirar:
inspirar o ar e dele se livrar.
Inspirar constrange, expirar liberta.
Tão linda é feita da vida uma mescla.
Agradece a Deus quando ele te aperta,
e agradece de novo quando te liberta.”*

Goethe

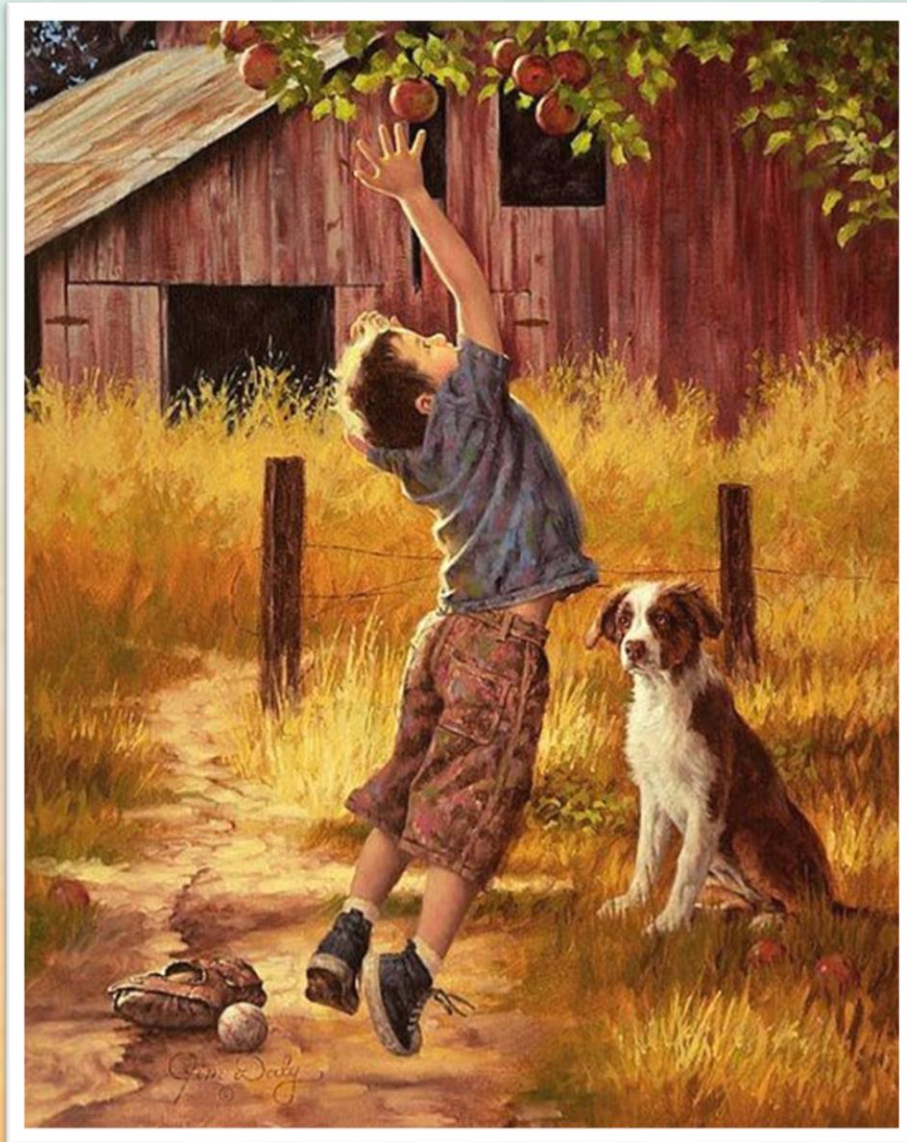
Como adultos, temos muitas maneiras e caminhos para refletir e nos vincularmos a uma época. Hoje podemos aprender com o vento, ele nos ensina ou nos indica nosso maior exercício: *Ajudar nosso ar a fluir com equilíbrio nos trazendo saúde, calma e esperança.*

O inverno trouxe o vento frio, dias mais curtos, noites mais longas, o ar mais seco e temperaturas frias. Nossas almas tiveram que conviver com o maior inverno de nossas vidas, a pandemia do Corona Vírus. O vento frio do medo ocupou um grande espaço em nós. Nos trouxe para dentro em todos os sentidos, como numa grande inspiração interminável. E ainda assim, transpusemos todas as nossas dificuldades e sombras, deixando as luzes das nossas lanternas acesas.

Devemos nos lembrar que no alto verão, onde o calor do sol e as chuvas abundantes nos trouxeram alegria, disposição, ânimo, assim como a natureza pode produzir uma diversidade enorme de frutos deliciosos! Os frutos do verão! Frutos coloridos, suculentos e saborosos.

O bendito fruto do ventre da terra,

Não esqueçamos disso.



Jim Daly - 1940

Os frutos amadureceram com o calor do sol, nos alimentaram, caíram na terra e suas sementes ali ficaram. O sol e a chuva foram se acalmando e o vento do outono trouxe temperaturas mais amenas.

As águas de março findaram o verão, e a terra com sua sabedoria guardou um bocadinho dessa água lá no fundo escuro, para o período de seca que logo viria.

Muitas árvores precisaram economizar energia e derrubaram suas folhas. Quanto amor! Um manto de folhas cobriu as sementes caídas na terra, para que elas descansassem tranquilas e protegidas.

O movimento da natureza se voltou para o interior. E nossa alma também.



Podemos dizer que a recordação do que ganhamos durante a abundância do verão, é a nossa referência do que queremos para o futuro.

Sementes que guardam todos os segredos da vida e do mundo.

As últimas gotas de chuva que vivificam a terra, a luz e o calor do sol, são nossos bens mais preciosos que guardamos em nossos corações para atravessarmos o período de seca e frio em nossas almas.

A chama tênue de nossa lanterna que cuidamos com todo o zelo, para o vento não apagar durante os tempos de frio e escuridão, carregam este significado neste momento.

Pois bem, o movimento da natureza e da nossa alma voltou-se para o interior, contudo, o frio e o medo que pairam atualmente são fortes, densos e impactantes.

O que é frio e denso ocupa o lugar da esperança e do calor interno. Então, nos vemos em um momento de grande inspiração, diante do escuro, do frio e do medo. Praticamente não nos recordamos das nossas “sementes”, não enxergamos nossa luz tênue que ainda brilha em nossa lanterna. Mas elas existem, mesmo sutil, a luz está acesa. A esperança, a confiança, e nossos mais íntimos desejos ainda estão conosco. Eles apenas dormem, como as sementes dormem tranquilas no berço da terra, no berço da natureza humana.



Edmond Louyot (1861 - 1920), French.

O vento é assim...
tira e põe tudo de volta no lugar.

“Vento que balança a palha do coqueiro

vento que encrespa as águas do mar

vento que assanha os cabelos da morena

Me traz notícias de lá...”

Será que nossa maior missão neste momento é ser como o vento?

Trazer equilíbrio entre as temperaturas. O frio de fora sempre irá existir, e o calor interno também. Temos nossas lanternas e nossas sementes!

O frio, o medo, e a escuridão da dúvida são densos, e empurram o nosso calor, a nossa luz, a nossa confiança e esperança. Aprendamos com o vento!

O frio e calor tem que existir para que haja movimento. De dentro para fora, e de fora para dentro. Uma constante troca, em constante movimento.

Se eu inspiro, tenho que expirar.

O vento é o ar em movimento! Façamos como ele faz: contração e expansão.

Na natureza, o vento que sopra em agosto, já não é mais um vento seco, com a aproximação do sol, o vento trará umidade.

O vento que trará a novidade, nos recordará lembranças e segredos esquecidos.

Essa pequena umidade trazida pelo vento e o bondoso sol, irão bem devagar acordar nossas sementinhas que dormem no fundo e escuro da terra...



George Sheridan Knowles

Mais cedo ou mais tarde, as sementes irão despertar de seu sono.

*Veremos brotar na Primavera a luz nova da vida, ressurgindo da terra como um
milagre.*

O vento trará a umidade no ar.

Veremos as plantas se encorparem com viço, força, crescimento, cor, cheiro e flor!

Sabemos que esta flor trará novos frutos.

O vento é também a vida em movimento.

Vem vento de agosto...

*Leva o frio do inverno, nossos medos e angústias e traga as novidades do futuro, o
calor e a flor. Estamos fortalecidos e certos de que o ano tem estações, assim como a
vida também.*

Prece ao vento

Dorival Caymmi

"Vento que balança as 'paiá' do coqueiro
Vento que encrespa as 'água' do mar
Vento que assanha os cabelos da morena
Me traz notícias de lá

Vento que assobia no telhado
Chamando para a lua espiar

Vento que na beira lá da praia
Escutava meu amor a cantar

Hoje estou sozinho e tu também...
Triste mas lembrando do meu bem...

Vento, diga por favor, aonde se escondeu o meu amor..."

OLHA O VENTO A SO-PARAR (1) LE VA A PI-PA NO
 (2) COM AS FO LHAS QUER BRIL
 (3) LE VAO BAR-QUI-NHO NO

AR ... (1) E O CA-TA- VEN- TO NAO PA-RA
 CAR (2) O-LHA O MO-I- NHO 'STA' SEMPRE
 MAR !

DE GI-RAR... (1) TU-DO VOLTARAO SEU L- GAR
 A RO-DAR... (2) TU-DO I- RA' SERE-NAR
 (3) QUANTOS SEGREDS TE-RA' ?

1e x QUANDO E- LE FOR DES- CAN- SAR ... (3 x)
 2e x QUANDO O VENTO CES- SAR ... ELE ENTAO PAA CONTAR'

Olha o vento a soprar

Elisabeth Oliveira

O menino e seu barquinho

O menino mal acordou, e sua mãe já o chama para o café. O cheirinho é de pão bem quentinho, junto a água do seu chá.

Na cozinha, as cortinas se balançam por entre as janelas, lá fora seu gatinho faz a festa e rodopia correndo atrás de tantas folhinhas.

Seu papai dobra um jornal, o menino atento o olha e vê a mágica acontecer: Um barquinho de papel!

A mamãe logo lhe traz a notícia, que após o café, depois de aquecer bem a barriguinha, o menino vai poder ver seu barquinho navegando dentro da bacia.

O menino mal se aguenta, tamanha a alegria e quer mostrar ao seu gatinho o seu brinquedinho novo.

Do lado de fora, Bentinho o seu gatinho, parece saber que o menino brincaria o dia todo, até adormecer.

O menino corre para bacia, mas ela está cheia de roupas.

Sua mamãezinha, cuidadosa que é, segura cada pecinha e fica na ponta do pé. Assim como as cortinas, as roupas presas ao varal se chacoalham todas juntas parecendo um balé.

Pronto! Finalmente a bacia está vazia, agora já posso brincar! Esse barquinho é mesmo mágico, nem preciso assoprar, sozinho ele se move e já está a navegar.

A mamãe sorri com alegria, pois ela já sabia que o vento que assobia sempre traz a promessa de novos e bonitos dias.



Roupa estendida, 1944 Eliseu Visconti.

Barquinho de Papel

Hélio Ziskind

Barquinho de papel

Que mistério você tem?

Papel quando molha

Fica mole

Solta tinta

Se desmancha

Barquinho de papel é diferente

Valente, vai navegando sem parar

Aguenta pingo

Aguenta curva

Aguenta até um bonequinho de carona

Sem afundar

O barquinho vai

Vai, vai, vai,

O barquinho vem

Vem, vem, vem...



Conto para o Maternal

A árvore das crianças

(Extraído do livro Conte Outra Vez - Karin Stach)

Certa vez uma pequena menina ganhou um balão amarelo, mas o vento arrancou-o de sua mão.

- Pare, pare! – gritou a menina, e a árvore segurou o balão.

A pequena menina subiu num banco, e do banco trepou na árvore, e segurou o balão com as duas mãos.

- Desça! – chamaram as outras crianças.

Mas a pequena menina respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar o balão!

Então um menino subiu na árvore.

- Agora desçam! – chamaram as crianças.

Mas o menino respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar a pequena menina e a pequena menina tem que segurar o balão!

Então uma menina grande subiu na árvore.

- Desçam agora! – chamaram as outras crianças.

Mas a menina grande respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar o menino, e o menino tem que segurar a pequena menina e a pequena menina tem que segurar o balão!

Então um menino grande subiu na árvore. Primeiro ele pegou o balão e desceu da árvore.

Depois desceu a menina grande. Depois desceu o menino e por fim desceu a pequena menina que ficou muito contente por ter seu balão amarelo de volta.

Conto para o Jardim

Como os quatro ventos criaram pássaros

(Extraído do livro Ventos e Pipas, coletâneas de Karin Stasch - Dan Udo de Haes)

Faz muito tempo, quando ainda havia poucos pássaros na Terra, os quatro ventos irmãos saíram a viajar. Despediram-se do pai Sol e cada um tomou o seu caminho.

O vento Oeste correu com grandes passos pelo mundo e chegou ao litoral do mar, tomou um grande impulso e voou por cima das ondas. Que beleza, como a água espumava a seus pés! Ele não parava de soprar fazendo as ondas subirem cada vez mais alto, até terem coroas brancas de espuma. Essa espuma ele fazia voar pelos ares e se divertia cada vez mais. Mas hei!! Uma nuvem e espuma subiu no ar e foi flutuando até desaparecer de vista."

-Com todas as ondas do mar! - murmurou o vento Oeste, enquanto olhava para aquele pedaço de espuma. - Quando será que este serzinho de espuma flutuante descerá à água outra vez?

Depois saiu da água e retomou o seu caminho.

O vento Leste, depois de uma grande viagem, chegou a uma floresta escura. Isso lhe agradou muito, pois gostava do farfalhar das folhas. Deslizou entre os troncos lisos e as copas que se curvavam, e em toda parte por onde passava as folhas faziam barulho e os galhos lhe acenavam. Nisso viu um galhinho

com duas folhinhas que batiam uma na outra com a maior alegria. O vento Leste teve que rir e com isto soltou um vendaval no meio da floresta que arrancou o galhinho com as duas folhas que voou por entre as copas das árvores.

- Com todos os cipós sussurrantes! - soprou o vento Leste - quando será que essa matraquinha vai sair das copas das árvores?! Depois inclinou-se para frente e continuou sua viagem através da floresta.

O vento Sul havia chegado a um país em que já era outono, plantas estavam secas e empoeiradas e quando o selvagem vento Sul passou entre as árvores, muitas folhas caíram ao chão descobriu um montinho de folhas secas amontoadas e isso deu vontade de brincar. Soprou-as com força e elas assustada voaram para todos os lados. Mas hei! O que era aquilo? Parecia uma bola de folhas rolando pelo chão, afastando-se cada mais.

- Com todas as lenhas secas! - resmungou o vento Sul. - Quando será que essas folhas vão parar de rolar?!

Então se virou, encheu-se de ar e saiu correndo dali! O jovem vento Norte havia chegado a um país onde reinava a primavera. Que lindo estava tudo! O verde aparecendo em todas as partes e muitas flores. Com cuidado para não estragar nenhum brotinho, o suave filho do Sol voava entre as plantas

que queriam todas cumprimentá-lo. Entrando cada vez mais naquele país, ele descobriu a chegada do verão, as frutas começando a amadurecer. E viu um campo de trigo com suas hastes douradas balançando à luz do Sol. Sonhador, ele guiou seus passos até lá. Que lindas as borboletas, e as abelhas zumbiam de um lado ao outro.

-Que vejo ali? Parecem pequenos sóis! - cantou suavemente - Brilham como ouro e enviam seus raios a todas as partes.

Eram as espigas maduras brilhando à luz do Sol. - Querido pai Sol, onde eu for, o seu calor sempre chega ao meu coração, - sussurrou o vento.

Com isso, o hálito quente do vento Norte passou por cima do campo de trigo e as hastes começaram a mover-se como pequenas ondas. Uma dessas pequenas ondas soltou-se das outras e, como se tivesse criado asas, elevou-se aos céus, transformando-se em belos sons à luz do Sol.

-Com todo o doce calor do Sol, -sussurrou o vento Norte - Que milagres são estes que vejo? Parece que aquilo que o pai Sol deu de presente à Terra está voltando ao céu?

E ficou ainda por bastante tempo entre as espigas e as flores antes de retornar à sua viagem tranquila.

À noite os quatro irmãos voltaram para casa e o pai Sol perguntou:

-Meus filhos ventos, onde estiveram?

-Pai, eu estive lá onde há altas ondas ondulantes, -disse o vento Oeste.

-Vento Oeste, o que fizeste lá?

-Pai, corri atrás das ondas até que se cobriram de espuma e um floco de espuma voou para o ar e ninguém sabe onde foi.

-Muito bem, vento Oeste, pois aqui chegou um pássaro branco que move suas asas como ondas. As pessoas daquele país deram-lhe o nome de gaivota.

-Pai, eu fui lá onde há florestas verdes. Os galhos acenavam, chamando-me para entrar.

- Vento Leste, que fizeste lá?

- Pai, arranquei com meu sopro duas folhinhas que batiam palmas, e batendo palmas voaram, e não sei aonde foram!

- Fizeste bem! Chegou aqui um pássaro batendo duas asas como duas folhinhas. As pessoas daquele país deram-lhe o nome de rolinha.

- Pai, -disse o vento Sul - estive lá onde as folhas secas se espalham por todas as partes.

- E que fizeste lá?

- Pai, lutei com um amontoado de folhas, e de repente uma mão cheia delas começou a girar na

minha frente e saiu rolando até desaparecer de vista.

- Fizeste bem. Aqui chegou um pássaro cacarejando pelo campo como uma bola de folhas secas. As pessoas deram-lhe o nome de perdiz.

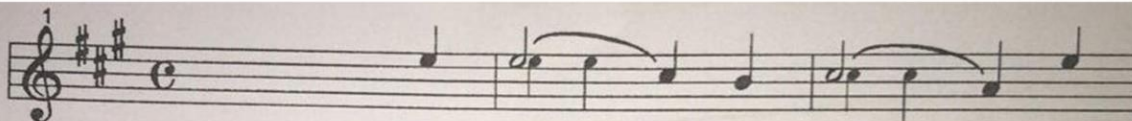
- Pai, -disse o jovem vento Norte, - estive lá onde as espigas douradas brilham.

- E que fizeste lá, querido filho?

- Pai, vi a sua luz brilhando nas hastes e cumprimentei-as suavemente, e nisso vi uma borboleta de luz elevando-se, cada vez mais alto, e acompanhei-a com os olhos até perdê-la de vista. Creio que quis levar-lhe meus cumprimentos, mas não sei se ela encontrou o céu.

-Querido filho, fizeste bem. Um pequeno passarinho veio aqui, suas asinhas tremulavam como seu hálito quente sobre os campos e sua vozinha jubilava, agradecendo-me o calor que lhe pus no coraçãozinho. E por isso eu mesmo lhe dei o nome de cotovia. Assim as gaivotas são aves da água, as perdizes, aves da terra; as rolinhas vivem com o ar e o canto do vento, e as cotovias, junto com todos os pássaros cantores, são aves do Sol.

O vento cessou



O ven - to ces - sou. Can -
As flo - res can - sa - ram. As
Os pás sa ros não can tam mais. Já



sa - do se dei - tou. Dur - ma meu
pé - ta - las fe - cha - ram. Dur - ma meu
dor - mem nos - sos a - ni mais. Dur - ma meu



bem, a noi - te lo - go vem.
bem, a noi - te lo - go vem.
bem, a noi - te lo - go vem.

Desta vez um

Conto para Adultos.

Por que não?

O Conto das Areias

Um rio, vindo da sua fonte de montanhas distantes, ia passando por todas as paisagens até alcançar finalmente as areias do deserto. Assim como ele havia ultrapassado todas as outras barreiras de seu caminho, o rio tentou atravessar mais esta, mas ele descobriu que assim que ele corria pelas areias, suas águas desapareciam.

O rio no entanto, estava convencido que o seu destino era cruzar o deserto, mas ainda assim, não havia jeito. Uma voz escondida, vinda do próprio deserto, sussurrou: “o Vento pode atravessar o deserto, então o rio também pode”. O rio se opôs. Ele estava se lançando nas areias e apenas sendo absorvido: o vento podia voar, e era por isso que ele podia cruzar o deserto.

‘Empurrando-se pela maneira como você está acostumado, você não pode atravessar. Ou você desaparecerá ou se tornará um pântano. Você deve permitir que o vento o carregue ao seu destino.

‘Mas como isso poderia acontecer? ‘Permitindo a você mesmo que seja absorvido pelo vento.’

A ideia não era aceitável para o rio. Além do mais ele nunca havia sido absorvido antes. Ele não queria perder sua individualidade. E uma vez a perdendo, como alguém poderia saber que ela poderia um dia ser recuperada?

‘O vento’, disse a areia, ‘faz esta função’. Ele pega a água, a carrega pelo deserto e a deixa cair de novo. Caindo como chuva, a água de novo se torna um rio. Como eu posso saber que isso é verdade? “É verdade, e se você não puder acreditar você não pode ser mais do que um brejo, e mesmo para isso, pode levar muitos, muitos anos; e isso não é certamente o mesmo que ser um rio”. ‘Mas eu não posso permanecer o mesmo que sou hoje?’ ‘Você não pode permanecer o mesmo em nenhuma das situações’, o sussurro falou. ‘A sua parte essencial é carregada e forma um rio de novo. Você é chamado pelo que é, até hoje, porque você não sabe qual parte de você é a essencial. ‘Quando ele ouviu isso, alguns ecos começaram a aparecer nos pensamentos do rio. De uma maneira turva, ele se lembrou de um estado em que ele ,– ou foi uma parte dele? – era seguro pelos braços do vento. Ele também se lembrou – se lembrou? – que isso era a coisa real , não necessariamente a coisa óbvia, a ser feita.

E o rio elevou seu vapor nos receptivos braços do vento, que gentil e facilmente o sustentou, para cima e para frente, deixando-o cair delicadamente assim que eles alcançaram o topo da montanha, muitas, muitas milhas além. E porque ele tinha tido tantas dúvidas, o rio era capaz de lembrar e gravar mais fortemente em sua mente os detalhes da experiência. Ele refletiu. ‘Sim, agora eu aprendi minha

verdadeira identidade'. O rio estava aprendendo. Mas as areias disseram: "Nós sabemos porque nós vemos isto acontecer dia após dia.: e porque, nós, as areias, nos estendemos desde a lateral dos rios até a montanha." E é por isso que é dito que o caminho no qual o Rio da Vida tem que continuar a sua jornada está escrito nas Areias.

O Tempo e o Vento

Havia uma escada que parava de repente no ar.

Havia uma porta que dava para não se sabia o quê.

Havia um relógio onde a morte tricotava o tempo.

Mas havia um arroio correndo entre os dedos buliçosos dos pés.

E pássaros pousados na pauta dos fios do telégrafo.

E o vento!

O vento que vinha desde o princípio do mundo.

Estava brincando com teus cabelos...

Você sabia?

Que o movimento de sopro ajuda muito no desenvolvimento da linguagem, pois exercita os músculos que intervêm na fala, especialmente os das bochechas. O sopro também melhora a pronúncia e ajuda a consolidar os fonemas. Linguagem e pronúncia são funções relacionadas à respiração.

Que tal assoprar bolinhas de sabão?



Bolhas

Olha a bolha d'água

No galho!

Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho

Na rolha!

Olha a bolha!

Olha a bolha na mão

Que trabalha!



Olha a bolha de sabão

Na ponta da palha:

Brilha, espelha

E se espalha.

Olha a bolha!

Olha a bolha

Que molha

A mão do menino:

A bolha da chuva da calha!

Cecília Meireles

Bolha de sabão

Inês Campos

Vo. a, vo. a com o ven-to lin-da bo-lha de se-bão

vai su-bin-do, flu-tu-an-do no a-zul dei-men-ti-dão!

Vou cor-ren-do, vou cor-ren-do pra po-der lhe al-can-çar

Que bo-ni-to, quez-le gri-ze' ver vô-cê se des-man-char (puf)

VAMOS CONSTRUIR UM
cata-vento?



Materiais

- Cola quente
- Tesoura / Régua
- Lápis
- Cortador de flor
- Alicates de corte
- Taxinha
- Palito de churrasco
- Papel colorido de dupla face



PASSO a PASSO:

Comece cortando um quadrado de acordo com o tamanho do cata-vento de papel que deseja fazer. Recomendamos um quadrado de 20×20, ou maior.



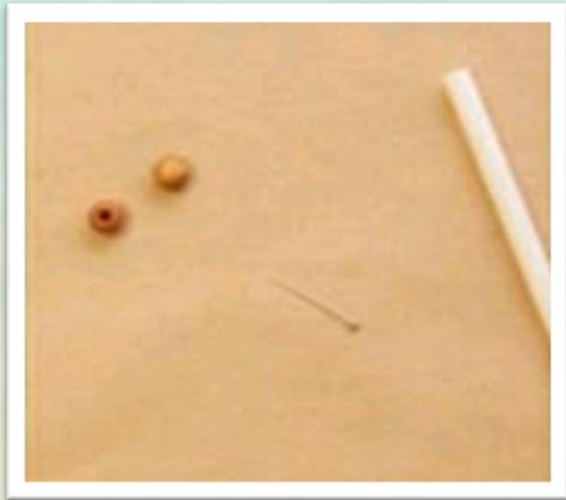
Com a régua e o lápis trace duas retas diagonais, como se fosse um X. Corte no X tomando cuidado para não cortar o centro. Deve ficar quatro partes presas no centro.



1. Cole uma ponta dobrando até o centro do cata-vento de papel. Use pouca cola quente para não ficar um acabamento feio. Repita o processo com outras 3 pontas para deixar no formato certinho.



2. Use o cortador para cortar o coração de papel de uma cor diferente do restante do cata-vento. Você pode usar o formato que quiser, inclusive pode usar um botão bonitinho. Cole o coração no meio do cata-vento para dar acabamento. Use a tachinha para furar a ponta do palito de churrasco onde vai prender o cata-vento. Você pode usar o alicate fechado para martelar.



3. Tire a tachinha. Coloque a vareta na altura do centro do cata-vento de papel. De um lado coloque a tachinha e no outro a vareta, deixando a parte de papel no meio. Pressione e se for necessário use cola quente.

Para dar acabamento na parte de trás use um pedacinho de papel.



DICA: Na hora de furar a vareta é necessário tomar cuidado para não estragar a mesa ou machucar a mão, por isso nossa dica é colocar uma borracha embaixo, ou uma placa de EVA.

Quem gosta de p^ípa?



Pipa Bicuda

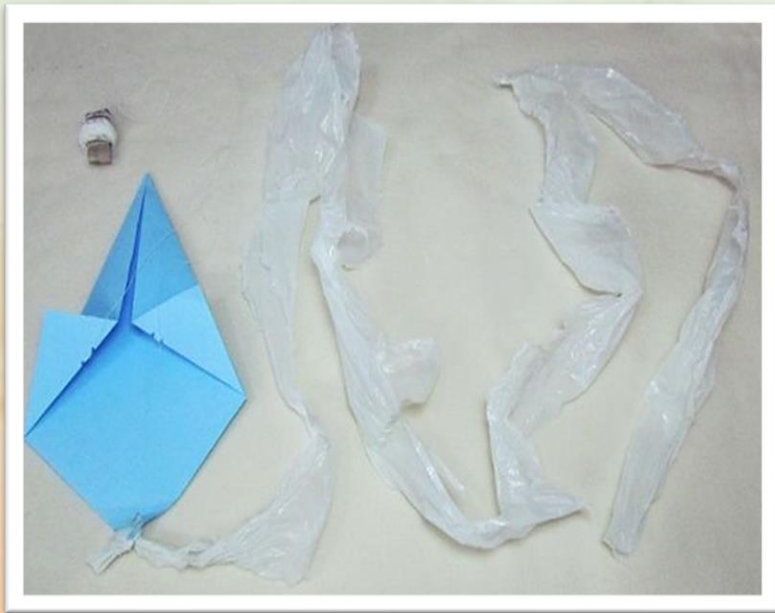
Materiais

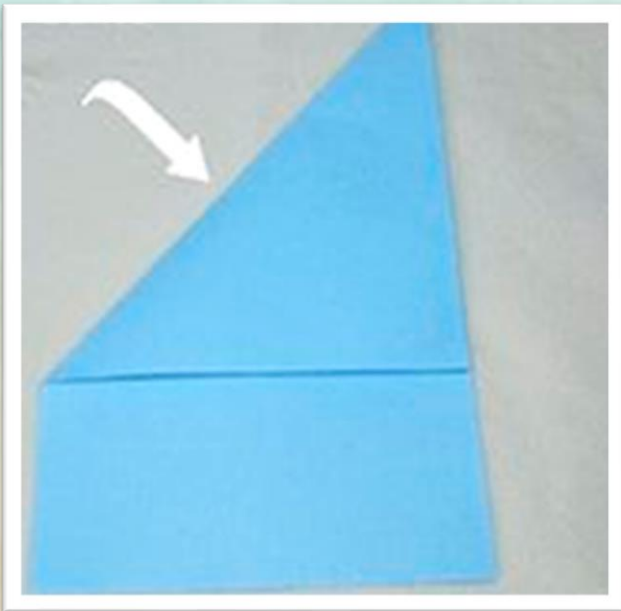
- 1 folha de papel qualquer (exemplo: sulfite, jornal, caderno e etc.)
- Linha 10 (conhecida como linha de pipa).

Para a rabiola

1 saco plástico, ou pode ser papel de seda, jornal, fitas.

Deixe sua imaginação fluir.

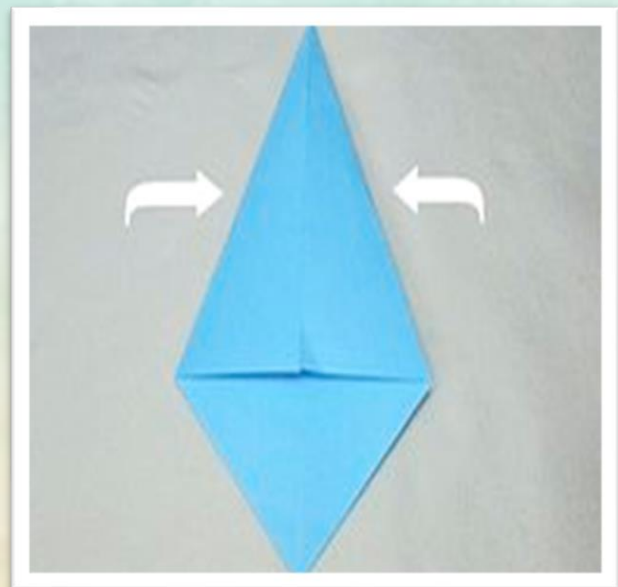




Pegue a ponta da quina de cima e dobre levando para a extremidade de baixo.



Abra o papel e deixe de modo em que uma das pontas fique de frente pra você



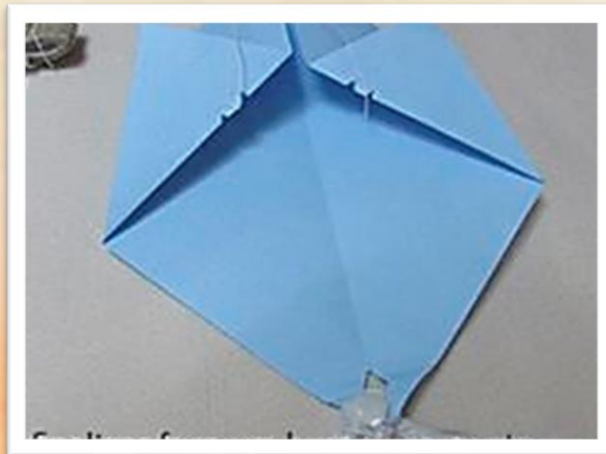
Dobre a lateral direita e esquerda do papel levando para o meio.



Dobre para cima as duas pontinhas deixando reto com a parte de baixo.

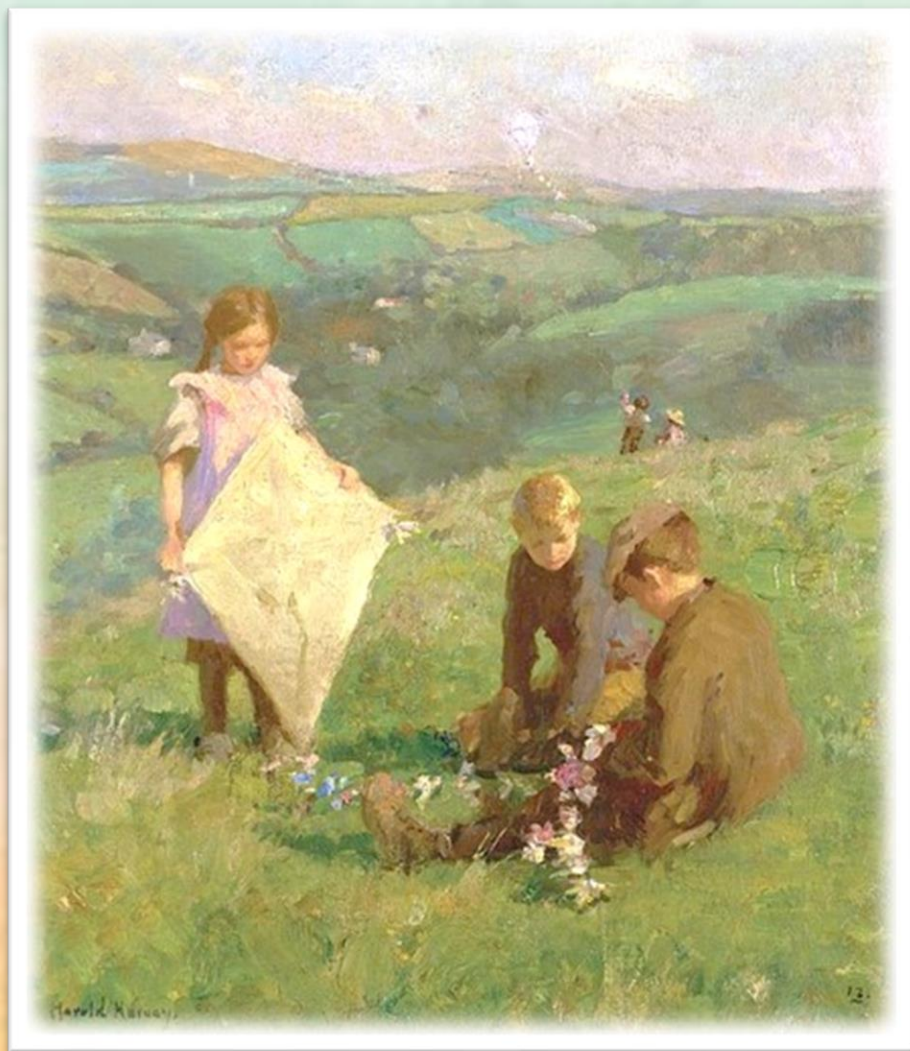


Faça um furo de cada lado do papel e amarre o cabresto “estirante” da pipa.



Corte em tiras finas o saco plástico, papel de seda ou as fitas.

Para finalizar faça um furo na ponta de baixo da pipa e amarre a rabiola.



Argola de madeira, fitas coloridas e
muita alegria...



A Brisa

Maria C. Della Bella

A Bri- sa en-che de sons Seus ca-mi-nhos no
ar. Su-sur-ra se-gre-dos às a - quas, às on-das do
mar e ao lu-ar.

vento amigo

Elisabeth Oliveira

VEN-TO A-MI-GO ES-TÁ A AS-SO - Bi - AR r...r...r..

r... .. r..r.. r.. CHA-

MAN-DO-O SOL QUE ES-TÁ A BRI-LHAR!

Material cuidadosamente elaborado pela Equipe Docente de Educação Infantil da
Escola Waldorf Rudolf Steiner,
em apoio às famílias.

Professoras:

Ana Lucia, Brenda, Cleonice, Erika, Glaucia, Juliana, Malu e Paula.

Auxiliares:

Fernanda, Joelma, Natália Fiuza e Natália Lobo.

Agosto de 2020.